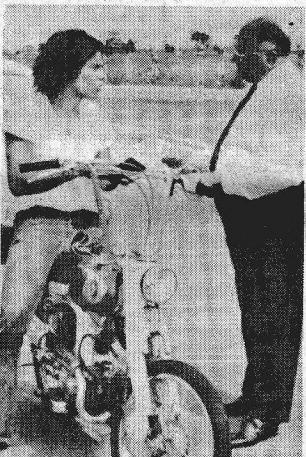


# Severino no Iate é a metade do clube



De mordomo no Rio de Janeiro, o pernambucano Severino Pereira da Silva, 58 anos de idade, passou a ser porteiro do Iate Clube de Brasília onde, desde que chegou em 1960, habituou-se a receber Presidentes da República — Juscelino Kubitschek conversou com ele várias vezes — Ministros, Senadores, Deputados e outras altas autoridades formando um amplo círculo de amizades onde a sua característica é a simplicidade.

E o sucesso de Severino reside exatamente na simplicidade. "Recusei empregos no Senado e em outras repartições para continuar aqui no clube onde nunca tive um desentendimento com ninguém e, por isso, sou bem tratado tendo uma vida modesta" diz ele. Mora na Vila Buritis, em Planaltina, é viúvo e não tem filhos.

## A HISTORIA

Nascido em Vertentes a 12 de novembro de 1916, o porteiro sempre teve uma vida calma e regrada. Trabalhou numa indústria em Pernambuco e, depois, tomou conta de parentes, adquirindo aí o hábito de saber tratar bem as pessoas. Em 1958, sua vida sofreu uma radical transformação, pois ele mudou-se para o Rio de Janeiro para trabalhar em outra indústria.

Mas vendo em Severino um homem educado — "eu nunca gritei com ninguém e respeito tudo e todos" — os responsáveis pela empresa o promoveram a mordomo da residência do major Cândido de Brito, nas Laranjeiras, bem perto da sede do Fluminense. A morte do militar modificou novamente a vida de Severino que, a 4 de abril de 1961, chegava a Brasília com um emprego certo: porteiro do Iate Clube, graças à gratidão dos parentes do major que conseguiram a vaga.

## RECORDAÇÕES

No começo, ele foi morar na antiga invasão próxima ao clube e extinta em 1968. Veio sozinho porque ficara viúvo ainda em Pernambuco. Aqui, adotou um filho, Hilton Santana, hoje também porteiro do Iate. "Naquela época da construção da cidade, Juscelino Kubitschek costumava vir ao Iate inspecionar as obras e conversei com ele constatando a sua atenção" revela Severino, um homem gordo, pele bronzeada pelo Sol, um sinal na testa e poucos cabelos na cabeça, mas com um sorriso constante para todos que chegam ao clube.

"Na verdade, recebi vários convites para deixar o Iate, mas gosto deste emprego e, por isso, até hoje não sai. Ganho cerca de 1.700,00 mensais e mais algum dinheiro quando vendo títulos do clube numa renda suficiente para que eu tenha uma vida tranquila, sem apertos" confessa.

Sua renda no ano passado foi de 37 mil cruzeiros e ele hoje mora na Vila Buritis com o filho de criação e duas irmãs que vieram também de Pernambuco. "Construí minha modesta casa graças a 19 anos de trabalho" revela dizendo que quando veio para Brasília trouxe "algum dinheiro: 72 contos de réis, quantia que tinha algum valor na época" conta Severino, constantemente de calça azul, camisa marrom e sapatos limpos, dentro do uniforme do clube. "Os sócios no Natal costumam me dar gorjeta e até alguns presentes, mas o meu orgulho é ter construído um jardim ao lado da portaria. Quando o comodoro Onísio Ludovico entrou para o Iate, em 1969, pediu que eu fizesse algo para melhorar a entrada do clube e optei — em boa hora — pelo jardim, hoje bastante elogiado e cheio de rosas" diz o funcionário, torcedor do Flamengo, embora não fanático como a maioria, pois "gosto mais do futebol nas épocas de Copa do Mundo".

## O TAXI

Não devo nada a ninguém, tenho uma vida controlada e, por isso, não passo necessidades" salienta. Quem vai sempre ao Iate costuma ver um táxi parar todas as tardes na portaria. É um Corcel verde cujo motorista recebe Cr\$ 350,00 mensais para transportar — ida e volta — Severino a Planaltina. "Não tenho carro e vejo no táxi o melhor transporte" explica.

Sempre que tira férias, aproveita para rever os parentes no Nordeste e, daqui espera não sair, a menos que surja uma proposta realmente tentadora, pois gosta muito de Brasília que vi crescer para ser hoje orgulho de todos os brasileiros" finaliza.